

Guarea guidonia (L.) Sleumer

(açafroa, camboatá, carrapeta, gitó, marinheiro)

Família: Meliaceae

Sinônimos: *Guarea guara*, *Guarea rubescens*, *Guarea rusbyi*, *Guarea sylvestris*, *Guarea trichilioides*

Endêmica: não²

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica²

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O marinheiro é uma árvore que chega até 20 m de altura. Seu tronco, com até 60 cm de diâmetro, emite ramos jovens que apresentam marcas chamadas lenticelas. Seus frutos são pequenas cápsulas arredondadas e suas flores são esbranquiçadas. Como é uma espécie muito ornamental, é bastante utilizada na arborização rural e urbana. Sua madeira também é utilizada, empregada na construção civil e naval, carpintaria, obras internas, confecção de vagões e carrocerias, entre outros.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (caixotaria, mourões, caixilhos, forro e teto, construção naval), produtos não madeireiros (alimentação animal (forragem), apícola, artesanato, medicinal, ornamental, substâncias tanantes)^{1,4,14}

Características gerais

Porte: altura 2.0-20.0m DAP 40-60cm^{5,4}

Cor da floração: branca^{3,1,4}

Apresenta flores brancas, esbranquiçadas e branco-rosadas.

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Moderada^{4,7}

Persistência foliar: Perenifolia, Semidecídua^{1,4}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa¹

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto⁶

Superfície do tronco: Fissurada¹

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)⁵

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: sim⁴

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas^{13,4}

Espécie seletiva higrófito (LORENZI, 2008); indicada para plantio em áreas de inundação temporária e áreas bem drenáveis, não alagáveis (MARTINS, 2007).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial, Secundária tardia^{10,11,12}

Polinizadores: Borboletas (KINOSHITA ET AL, 2006); mariposas (YAMAMOTO et al, 2007); coleópteros e mariposas (SILVA JUNIOR; PEREIRA, 2009).^{1,8,9}

Período de floração: janeiro a dezembro⁵

Tipo de dispersão: Zoocórica^{4,9}

Agentes dispersores: Dispersão feita por pássaros.¹

Período de frutificação: janeiro a dezembro⁵

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore⁴

Coleta diretamente da árvore quando iniciam queda espontânea. Levar ao sol para completar a abertura e liberação da semente. Não deixar que as sementes sequem e nem que o arilo se solte.

Tipo de semente: Recalcitrante⁶

Tratamento para germinação: Escarificação mecânica, Outro⁶

Escarificação mecânica ou imersão em hipoclorito de sódio à concentração de 10%.

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais⁴

Colocar as sementes para germinar, logo que colhidas, em canteiros ou recipientes individuais, mantidos em ambiente semi-sombreado.

Tempo de germinação: 10 a 50 dias^{6,4,1}

Taxa de germinação: 41%¹

Número de sementes por peso: 2600/kg^{1,4,7}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz⁴

Bibliografia

¹ SILVA JÚNIOR, M. C. da; PEREIRA, B. A. da S. 100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria: guia de campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009. 288 p.

² STEFANO, M. V.; CALAZANS, L. S. B.; SAKURAGUI, C. M. Meliaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 16 mai. 2013.

³ BRANDÃO, M.; LACA-BUENDIA, J. P.; MACEDO, J. F. Árvores nativas e exóticas do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: EPAMIG, 2002. 528 p.

⁴ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 5 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. v. 1.

⁵ PASTORE, J. A. Meliaceae. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M.; MELHEM, T. S. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: RiMa, 2003. v. 3, p. 225-240.

⁶ SALOMÃO, A. N.; SILVA, J. A. da. (Eds.). Reserva Genética Florestal Tamanduá. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2006. 137 p.

⁷ COMPANHIA ELÉTRICA DE SÃO PAULO - CESP. Manual de produção de mudas de essências florestais nativas. São Paulo: Diretoria do Meio Ambiente, 2000. (Série Divulgação e Informação, 244).

⁸ KINOSHITA, L. S.; TORRES, R. B.; FORNI-MARTINS, E. R.; SPINELLI, T.; AHN, Y. J.; CONSTÂNCIO, S. S. Composição florística e síndromes de polinização e de dispersão da mata do Sítio São Francisco, Campinas, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 20, n. 2, p. 313-327, 2006.

⁹ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

¹⁰ GARCIA, C. C.; REIS, M. das G. F.; REIS, G. G. dos; PEZZOPANE, J. E. M.; LOPES, H. N. S.; RAMOS, D.C. Regeneração natural de espécies arbóreas em fragmento de Floresta Estacional Semidecidual Montana, no domínio da Mata Atlântica, em Viçosa, MG. Ciência Florestal, Santa Maria, v. 21, n. 4, p. 677-688, out./dez. 2011.

¹¹ MANGUEIRA, J. R. S. A. A regeneração natural como indicadora de conservação, de sustentabilidade e como base do manejo adaptativo de fragmentos florestais remanescentes inseridos em diferentes matrizes agrícolas. 2012. 128 f.

¹² GUARANTINI, M. T. G.; GOMES, E. P. C.; TAMASHIRO, J. Y.; RODRIGUES, R. R. Composição florística da Reserva Municipal de Santa Genebra, Campinas, SP. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 323 - 337, abr./jun. 2008.

¹³ MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.

¹⁴ UBESSI-MACARINI, C.; NEGRELLE, R. R. B.; SOUZA, M. C. de. Produtos florestais não-madeiráveis e respectivo potencial de exploração sustentável, associados à remanescente florestal ripário do alto rio Paraná, Brasil. Acta Scientiarum: Biological Sciences, Maringá, v. 33, n. 4, p. 451-462, 2011.